

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou como bibliotecário na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Serviço Antropométrico. Em Recife, em 1913, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense, como a *Revista da Biblioteca* e *As Regras*. Entre as obras publicadas, destacamos: *Os Poetas do Ceará* (1913), com introdução de José de Alencar, e *Antologia dos Poetas do Ceará* (1914), com introdução de José de Alencar e prefácio de José de Alencar.

## ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese de doutorado em Letras, apresentada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, sob a orientação do professor doutor José de Alencar, quando foi eleito presidente do conselho. A tese foi aprovada em 1998, com o título *Os Poetas do Ceará*. Com a ajuda de Leonardo Melo, um dos membros do Conselho Acadêmico, ocorreu em 1998 a publicação da obra *Os Poetas do Ceará*, da Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

LEONARDO MELO

1998

Vence a Paz e o Direito,  
 Que se iluminam de luz,  
 Das cinzas do Proconceito  
 Recusamos novos deuses,  
 Truque a fim a verdade,  
 Magnando a Legalidade,  
 Que tem a sombra e não tem luz,  
 Que um povo que se redime,  
 É um exemplo sublime,  
 Que a Féria é Glória condida.

O céu se veste de estrelas,  
 A terra de luz e flores,  
 O sol se adorna das pássaros.

## CARLYLE MARTINS

Carlyle de Figueiredo Martins nasceu em Fortaleza no dia 16 de junho de 1899 e faleceu na mesma cidade no dia 2 de fevereiro de 1986, aos 86 anos de idade. Formado pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1925, foi representante do Ministério Público, juiz municipal e juiz de Direito em várias cidades do interior cearense.

Sobrinho dos poetas Antônio Martins (poeta da abolição) e Álvaro Martins (*Policarpo Estouro*, da Padaria Espiritual), era crítico literário e poeta parnasiano que, segundo Raimundo Girão, apresentava um “lirismo enternecedor”. Colaborava constantemente com jornais e revistas do estado e de outros centros do país. Teve uma grande produção literária cujas principais obras são: *Evangelho do sonho*, 1931; *Caminho deserto*, 1934; *Colheita de rosas*, 1938; *Ânfora de estrelas*, 1940; *Antônio Martins (um grande abolicionista)*, 1953; *Na serra*, 1956; *Paisagens do meu destino*, 1957; *Sinfonia do entardecer*, 1966; *Mensagem das horas tardias*, 1972; e *Alma rude* (contos regionais), 1960. Participou da criação da Associação Profissional dos Escritores do Ceará.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 15 de agosto de 1951 ocupando a cadeira número 25, cujo patrono é o escritor cearense Oliveira Paiva. Foi saudado pelo acadêmico Andrade Furtado.

### AS LÁGRIMAS DO ANGICO

*Faz anos que nasceu, em terrenos adustos,  
aquele pé de angico, esbelto e senhoril,  
no amplo seio da mata, entre frágeis arbustos,  
tendo em cima o esplendor do vasto céu de anil.*

*À hora do entardecer, de temores e sustos,  
na tristeza de agosto ou na glória de abril,  
chora o tronco do angico, entre os troncos vetustos,  
alongando no espaço o longo e estranho perfil.*

*Espalham-se em redor as sombras vespertinas!  
O angico, derramando o pranto das resinas,  
fica esperando a luz magnífica do luar.*

*- Como tu, vive alguém, no deserto da vida,  
procurando do amor a miragem perdida,  
Ó velho angico ansioso e exausto de chorar.*

## O COVEIRO DA ALDEIA

*Passa o dia lutando, em seu penoso ofício,  
velho, pobre, esperando o instante derradeiro  
da vida, que lhe traz um profundo suplício,  
- sem família e sem luz, um mísero coveiro.*

*Esteja a terra escura, ou o céu claro e propício,  
caia o sol de verão, ou a bruma de janeiro,  
lá vai! Paciente e humilde, ao rude sacrifício  
de abrir covas no chão durante o dia inteiro.*

*Anda a peste na aldeia! E, em seu triste fadário,  
entre cruces, tremendo, à voz do atro mistério,  
olha a morte, a pairar, como um negro sudário.*

*Retalha o solo enfermo, a argila espessa e dura,  
e quanta vez não pensa estar no cemitério,  
- cavando, sem saber, a própria sepultura!*

FONTE: MARTINS, CARLYLE. *EVANGELHO DO SONHO*. FORTALEZA: GADELHA, 1931. P. 23, 87.

## A LOUCURA DO NOSSO AMOR

*Áurea! Vamos andar pelos caminhos,  
por entre o matagal aberto em flor,  
escutando a canção dos passarinhos  
e entoando os madrigais do nosso amor.*

*Vamos ouvir a música dos ninhos,  
diante de um céu de vívido esplendor,  
sempre a evitar as serpes e os espinhos,  
na doçura de um sonho encantador.*

*Ainda que o dia fuja, seguiremos,  
unificados por grilhões supremos.  
São as bênçãos do céu, todo em clarão.*

*E, vendo-nos, ao luar de estranhos brilhos,  
de mãos dadas, aos beijos, nossos filhos,  
dirão que enlouquecemos de paixão.*

FONTE: MARTINS, CARLYLE. *SINFONIA DO ENTARDECER*: 1946-1954. FORTALEZA: INSTITUTO DO CEARÁ, 1966. P. 125. (POEMAS SELECIONADOS PELO DR. JOSÉ MARIA MARTINS).